

RODA DE CONVERSA COMO FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS

Maria Aparecida Sousa Aquino 1

Girleda Silva Brandão 2

Bruno Rodrigues da Silveira 3

Resumo

Este trabalho apresenta o desenvolvimento e os resultados de um projeto educativo realizado com alunos do 8º ano do Colégio Municipal Natur de Assis Filho (Modelo CPM), em Ubaíra-BA, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A proposta teve como objetivo promover a conscientização sobre o uso seguro e sustentável das plantas medicinais, unindo o saber popular e o conhecimento científico por meio de metodologias participativas. O projeto teve início com rodas de conversa realizadas nos dias 28 e 29 de julho de 2025, nas quais os estudantes compartilharam experiências familiares e refletiram sobre os cuidados necessários com o uso das plantas. Em seguida, foram desenvolvidas atividades interdisciplinares envolvendo pesquisa, construção de Lapbooks, plantio de mudas medicinais na escola e momentos avaliativos. A etapa final ocorreu em 14 de outubro, com a apresentação e exposição dos Lapbooks à comunidade escolar, onde cada grupo apresentou uma espécie diferente, como babosa, boldo, erva-cidreira e açafraão, explicando suas propriedades e modos de uso. Os resultados demonstraram grande engajamento dos alunos, valorização dos saberes locais, ampliação do conhecimento científico e fortalecimento da consciência ambiental. Conclui-se que a roda de conversa, associada a metodologias criativas e práticas, é uma ferramenta eficaz para a educação em saúde e a promoção de uma cultura de cuidado responsável e sustentável no ambiente escolar.

Palavras-chave: roda de conversa, plantas medicinais, educação em saúde, saber popular, sustentabilidade.

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do If baiano- Campus Santa Inês, amandahdalima50@gmail.com;

2 Docente do Colégio Municipal Natur de Assis Filho – Modelo CPM – Ubaíra/BA; Supervisora do Subprojeto Interdisciplinar (Geografia e Biologia) Edital 10/2024 – PIBID 2024, girledabrandao@hotmail.com;

3 Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Santa Inês, Coordenador de Área do Subprojeto Interdisciplinar (Biologia e Geografia) Edital 10/2024 – PIBID 2024, bruno.silveira@ifbaiano.edu.br;



INTRODUÇÃO

A valorização de saberes locais e a promoção de práticas educativas que aproximem ciência e cotidiano têm se mostrado estratégias eficazes para ampliar a compreensão dos estudantes sobre saúde, meio ambiente e formas de autocuidado. Em contextos escolares, especialmente na educação básica, a introdução de temas ligados à saúde – como o uso de plantas medicinais – pode contribuir tanto para a alfabetização científica quanto para a construção de uma cultura de uso responsável dos recursos naturais (BRASIL, 2012).

As plantas medicinais estão presentes nas práticas populares de cuidado há séculos. Diversas civilizações antigas, como egípcios, chineses, indianos e povos indígenas das Américas, desenvolveram sistemas de cura baseados em ervas e extratos vegetais (SIMÕES et al., 2017). No Brasil, esse conhecimento foi profundamente influenciado pela interação entre culturas indígenas, africanas e europeias, resultando em um vasto repertório de práticas fitoterápicas (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006).

Em muitas comunidades brasileiras, o uso de chás, garrafadas, cataplasmas e unguentos preparados com plantas continua sendo parte do cotidiano. No entanto, esse conhecimento tradicional nem sempre está articulado com informações científicas sobre indicações, dosagens, interações e riscos (MACIEL; PINTO; VEIGA JÚNIOR, 2002). Nesse contexto, a escola pode atuar como mediadora, favorecendo o diálogo entre saber popular e conhecimento científico, ao mesmo tempo em que promove práticas de saúde mais seguras e sustentáveis.

A educação em saúde desempenha papel fundamental nesse processo, uma vez que articula informações científicas com experiências vivenciais, estimulando o protagonismo dos estudantes e a construção de uma consciência crítica (FREIRE, 1987). Associada a metodologias ativas, como rodas de conversa, projetos colaborativos e produção de materiais criativos (ex.: lapbooks), ela fortalece a autonomia discente e estimula o pensamento reflexivo (MORAN, 2018).

No caso deste estudo, o foco recai sobre a utilização da roda de conversa como ferramenta pedagógica, integrada a outras atividades práticas (plantio de mudas, construção de lapbooks, pesquisas orientadas e avaliações). Essa combinação buscou investigar de que forma estratégias participativas podem contribuir para a conscientização dos estudantes acerca do uso seguro de plantas medicinais, ao mesmo tempo em que valorizam os saberes locais e promovem práticas sustentáveis de manejo.





Os encontros iniciais foram realizados nos dias 28 e 29 de julho de 2025 e posteriormente ampliados com atividades entre agosto e setembro do mesmo ano, envolvendo conteúdos interdisciplinares de Biologia e Geografia.

Assim, este artigo apresenta a experiência de intervenção pedagógica realizada no Colégio Municipal Natur de Assis Filho, em Ubaíra (BA), organizada em diferentes etapas: rodas de conversa, pesquisas, produção de lapbooks, plantio de mudas e avaliações. O objetivo central foi investigar se a roda de conversa, associada a metodologias participativas, é uma ferramenta eficaz para promover a conscientização sobre o uso seguro de plantas medicinais entre estudantes do ensino fundamental, bem como estimular a valorização do conhecimento tradicional e a responsabilidade socioambiental.

Este trabalho se organiza da seguinte forma: a seção 2 apresenta a fundamentação teórica sobre educação em saúde, metodologias ativas e plantas medicinais; a seção 3 descreve os procedimentos metodológicos adotados; a seção 4 apresenta os resultados e observações de campo; a seção 5 discute os achados à luz da literatura; e a seção 6 traz as conclusões e recomendações para práticas futuras.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

➤ Educação em Saúde nas Escolas

A educação em saúde constitui um eixo central para a formação cidadã dos estudantes, pois promove reflexões sobre hábitos de vida, prevenção de doenças e cuidado coletivo. No contexto escolar, ela assume papel estratégico ao aproximar ciência e cotidiano, permitindo que os alunos compreendam como práticas tradicionais podem dialogar com conhecimentos científicos (BRASIL, 2012).

Freire (1987) defende que a educação precisa ser dialógica e problematizadora, valorizando os saberes prévios dos educandos e permitindo que estes construam novas compreensões a partir da interação com a realidade. No caso das plantas medicinais, trata-se de um tema que articula saúde, cultura e meio ambiente, o que o torna especialmente propício para o trabalho pedagógico interdisciplinar. A escola, portanto, deve ser entendida como espaço privilegiado para o desenvolvimento de competências para a vida — como pensamento crítico, tomada de decisão





informada e responsabilidade socioambiental (DELORS, 1996). Ao inserir conteúdos sobre o uso seguro de plantas medicinais, favorece-se tanto a alfabetização científica quanto a valorização da identidade cultural local.

METODOLOGIAS ATIVAS: A RODA DE CONVERSA

As metodologias ativas buscam transformar o estudante de receptor passivo em agente ativo no processo de aprendizagem (MORAN, 2018). Nesse contexto, a roda de conversa se apresenta como uma prática que rompe a hierarquia tradicional entre professor e aluno, privilegiando a escuta, o relato de experiências e a reflexão coletiva. Segundo Nóvoa (1992), práticas educativas que favorecem a troca e a colaboração geram aprendizagens significativas, pois estimulam os estudantes a relacionarem os conteúdos escolares com suas vivências. No caso deste projeto, a roda de conversa foi utilizada como estratégia inicial para valorizar relatos familiares sobre plantas medicinais, criando um espaço de diálogo entre saberes populares e ciência escolar.

Além disso, outras metodologias criativas como a produção de lapbooks possibilitam que os alunos sistematizem o conhecimento de forma lúdica e visual, reforçando a construção coletiva e a autonomia (SOUZA; ALMEIDA, 2021).

➤ Plantas Medicinais: saber popular e conhecimento científico

As plantas medicinais constituem um patrimônio cultural transmitido de geração em geração, principalmente em comunidades rurais e tradicionais (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006). O conhecimento empírico acumulado ao longo do tempo garante seu uso popular para o tratamento de sintomas e enfermidades. Entretanto, esse saber não pode ser desvinculado do olhar científico. Estudos apontam que o uso inadequado de plantas pode gerar riscos de toxicidade, interações medicamentosas e confusões na identificação das espécies (MACIEL; PINTO; VEIGA JÚNIOR, 2002). Assim, a educação escolar tem o papel de integrar esses dois universos, promovendo a valorização cultural sem perder de vista os princípios de segurança e eficácia. O Ministério da Saúde (BRASIL, 2009) reconhece o uso das Práticas Integrativas e Complementares (PICS), entre elas a fitoterapia, como parte da política pública de saúde. Isso reforça a importância de se abordar o tema na escola, preparando os estudantes para práticas de cuidado consciente e sustentável.





➤ Segurança no Uso e Preservação Ambiental

Um aspecto central no ensino sobre plantas medicinais é a discussão sobre uso seguro e preservação ambiental. É fundamental que os alunos compreendam que substâncias naturais também possuem princípios ativos capazes de causar efeitos adversos, reforçando a necessidade de dosagem correta e identificação adequada das espécies (SIMÕES et al., 2017).

Além da segurança, deve-se considerar o impacto ambiental da coleta indiscriminada. A educação ambiental integrada à educação em saúde estimula práticas de manejo sustentável, cultivo doméstico e preservação da biodiversidade (JACOBI, 2005). No contexto escolar, atividades como a implantação de hortas medicinais — como a realizada neste projeto — funcionam como laboratórios vivos de aprendizagem, fortalecendo tanto o vínculo dos alunos com a natureza quanto sua consciência socioambiental.

METODOLOGIA

➤ Contexto e Participantes

A intervenção ocorreu no Colégio Municipal Natur de Assis Filho (CPM), em Ubaíra – Bahia, envolvendo turmas do 8º ano do ensino fundamental nos turnos matutino e vespertino. Participaram em média 27 pessoas por encontro, incluindo estudantes, bolsistas do PIBID e a professora supervisora. O projeto foi conduzido entre julho e setembro de 2025, em etapas sucessivas que articularam rodas de conversa, atividades criativas e práticas ambientais.

➤ Procedimentos

A sequência metodológica foi organizada em fases:

Primeira fase (28 e 29 de julho): realização das rodas de conversa sobre plantas medicinais. Nesses encontros, os alunos compartilharam saberes familiares, ouviram mediações dos pibidianos e receberam como tarefa trazer uma planta medicinal e uma breve pesquisa sobre suas propriedades.

Segunda fase (11 a 19 de agosto): atividades interdisciplinares de Ciências e Geografia. Os alunos recolheram plantas medicinais para a horta escolar, estudaram conteúdos de “Estrutura e Movimentos da Terra” e entregaram pesquisas solicitadas.



Terceira fase (25 de agosto a 1º de setembro): desenvolvimento do lapbook, atividade em que os alunos organizaram e sistematizaram conteúdos de forma criativa e colaborativa, com apoio da professora e dos pibidianos.

Quarta fase (2 de setembro): plantio de mudas medicinais no espaço escolar, realizado por grupos de alunos com mediação dos pibidianos, aproximando teoria e prática de educação ambiental.

Quinta fase (8 e 9 de setembro): Houve a continuação da plantação das plantas medicinais.

Sexta fase (29 de setembro a 14 de outubro): etapa final do projeto. No dia 29/09, a professora supervisora apresentou as orientações para a continuidade do trabalho com plantas medicinais, direcionando os alunos para a última etapa, que consistiria na apresentação dos Lapbooks à comunidade escolar.

Setima fase (06 e 07 de outubro), foram realizados ensaios com os alunos, permitindo que praticassem a exposição oral e o manuseio dos Lapbooks que haviam produzido, garantindo maior segurança e fluidez durante a apresentação final.

Oitava fase (13 de outubro), ocorreu a continuação do treinamento, com foco em reforçar os conteúdos abordados e consolidar a memorização das informações.

Nona fase (14 de outubro), foi realizada a apresentação e exposição dos Lapbooks para toda a comunidade escolar, com a presença do coordenador e participação ativa dos estudantes. Cada grupo apresentou uma planta medicinal diferente, como babosa, boldo, erva-cidreira e açafraão, entre outras, explicando suas propriedades e modos de uso. O evento representou o encerramento da intervenção pedagógica, integrando ciência, cultura e protagonismo estudantil.

➤ Instrumentos e Análise de Dados

Foram utilizados:

Roteiro das rodas de conversa, fichas de registro e anotações de campo.

Produções dos alunos (pesquisas individuais, lapbooks, respostas em atividades e avaliações).



Documentação fotográfica das etapas produção dos lapbooks, plantio das mudas e aplicação da avaliação. A análise seguiu abordagem qualitativa, categorizando as produções e registros segundo: valorização do saber tradicional, engajamento estudantil, sistematização do conhecimento, consciência ambiental e interdisciplinaridade.

➤ Questões Éticas

A participação foi voluntária, com consentimento informado dos alunos e supervisão docente. O anonimato dos participantes foi preservado, e os registros fotográficos foram utilizados apenas para fins acadêmicos e educativos.

RESULTADOS

➤ Participação e Engajamento

Os estudantes se mostraram ativos desde a primeira fase, trazendo relatos familiares sobre o uso de plantas medicinais. A roda de conversa favoreceu a troca de experiências, enquanto o lapbook e o plantio proporcionaram maior envolvimento prático. O caráter não hierárquico das atividades contribuiu para a participação de alunos que usualmente permanecem retraídos.

➤ Produções Estudantis

As produções revelaram a diversidade de conhecimentos prévios: relatos de uso de camomila, boldo, erva-cidreira e outras espécies. Nos lapbooks, os alunos organizaram informações sobre plantas, fases da Lua e movimentos da Terra, demonstrando interdisciplinaridade e criatividade.

➤ Aprendizados e Percepções

Valorização cultural: os alunos expressaram orgulho em compartilhar saberes familiares. Consciência crítica: houve maior atenção aos riscos de dosagem incorreta e identificação de espécies.

Integração teórico-prática: o plantio das mudas consolidou a ideia de cuidado com a saúde e com o meio ambiente.

Sistematização e avaliação: o lapbook e as atividades avaliativas permitiram verificar a fixação de conteúdos e a autonomia dos estudantes.





➤ Dificuldades e Limitações

O tempo curto das aulas limitou a profundidade de algumas discussões.

A ausência de materiais ilustrativos mais robustos dificultou a identificação botânica precisa.

A continuidade depende de planejamento institucional para que não fique restrita a uma experiência pontual.

➤ Apresentação Final e Impacto na Comunidade Escolar.

A culminância do projeto, ocorrida em 14 de outubro, evidenciou o amadurecimento dos alunos em relação ao tema. A exposição dos Lapbooks para a comunidade escolar possibilitou que familiares, professores e gestores reconhecessem o aprendizado construído. Os estudantes demonstraram autonomia, desenvoltura e domínio dos conteúdos, articulando saberes científicos e populares. Além disso, a variedade de espécies apresentadas (babosa, boldo, erva-cidreira, açafrão, entre outras) reforçou a diversidade cultural e ambiental local. A presença do coordenador e a interação com o público valorizaram o protagonismo discente, transformando o evento em um momento de socialização do conhecimento e de valorização da cultura regional.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos confirmam que a roda de conversa é uma metodologia ativa eficaz para aproximar saberes tradicionais e científicos, promovendo a participação e a troca de experiências entre os estudantes. No entanto, a continuidade do projeto, com a inserção de novas etapas (lapbook, plantio e avaliações), ampliou o alcance pedagógico da intervenção e possibilitou reflexões mais profundas.

A literatura sobre educação em saúde (BRASIL, 2012; FREIRE, 1987) aponta que práticas dialógicas favorecem a construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, a roda de conversa inicial abriu espaço para relatos de experiências, enquanto o lapbook contribuiu para a sistematização criativa dos conteúdos, em consonância com autores que destacam a importância de metodologias que valorizam a autoria estudantil (MORAN, 2018).

Outro aspecto relevante foi a interdisciplinaridade. A integração de conteúdos de Geografia (estrutura e movimentos da Terra, fases da Lua, clima e tempo) com os estudos de Biologia e plantas medicinais reforçou o caráter transversal da educação científica, como defendem Delizoicov e Angotti (2000). Essa articulação curricular contribuiu para dar sentido prático ao





conhecimento escolar.

O plantio das mudas de plantas medicinais fortaleceu a dimensão ambiental, transformando a intervenção em uma experiência de educação socioambiental. O contato direto com o cultivo e a preservação de espécies ampliou a consciência dos alunos sobre sustentabilidade, alinhando-se a propostas de hortas escolares como espaços de aprendizagem ativa (SANTOS et al., 2020). Por fim, a aplicação de avaliações mostrou-se importante para consolidar a aprendizagem, evidenciando que o projeto não apenas motivou e sensibilizou, mas também gerou resultados concretos no domínio dos conteúdos. A avaliação, quando integrada a um processo formativo, possibilita identificar avanços e limitações, além de orientar ajustes para futuras práticas (LUCKESI, 2011).

Assim, a combinação de diferentes estratégias – diálogo, sistematização criativa, prática ambiental e avaliação – demonstra que intervenções educativas ganham força quando estruturadas em sequências pedagógicas contínuas e interdisciplinares, e não apenas em atividades isoladas.

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

A experiência descrita demonstra que a roda de conversa, aliada a metodologias criativas e práticas, constitui uma ferramenta valiosa para promover a conscientização sobre o uso seguro e sustentável de plantas medicinais no ambiente escolar. O projeto favoreceu tanto a valorização do saber local quanto a aproximação com o conhecimento científico, além de fortalecer a interdisciplinaridade entre Biologia e Geografia.

Os principais impactos observados foram:

Maior engajamento dos estudantes em atividades participativas e colaborativas;

Valorização de práticas culturais familiares, reconhecendo sua relevância;

Ampliação da consciência crítica sobre riscos e cuidados no uso de plantas medicinais;

Integração teoria-prática, evidenciada pelo plantio das mudas e pelas produções em lapbook;

Consolidação de aprendizagens por meio de avaliações.

Para dar continuidade e ampliar o alcance do projeto, recomenda-se:

Institucionalizar o projeto como atividade semestral, garantindo sua regularidade.

Produzir materiais de apoio (cartilhas, guias ilustrados, miniguia botânico escolar).

Expandir atividades práticas como hortas escolares, oficinas e feiras de saberes.

Formar professores e bolsistas em identificação botânica básica e segurança no uso de plantas.





Fortalecer parcerias com universidades, centros de saúde e órgãos ambientais.

Adotar avaliações contínuas para acompanhar mudanças de conhecimento, atitudes e práticas dos estudantes. Em síntese, a intervenção mostrou que projetos baseados em metodologias participativas, criativas e interdisciplinares contribuem não apenas para a alfabetização científica, mas também para a formação cidadã, articulando saúde, cultura e meio ambiente em uma perspectiva transformadora. A fase final, marcada pela apresentação dos Lapbooks à comunidade escolar, consolidou o ciclo de aprendizagem e evidenciou os resultados alcançados. O engajamento dos alunos e a visibilidade dada ao tema no ambiente escolar demonstram que práticas educativas baseadas na participação e na valorização do saber local têm potencial para impactar positivamente a escola e a comunidade, fortalecendo vínculos entre ciência, cultura e sustentabilidade.





7. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. Five problems in current ethnobotanical research—and some suggestions for strengthening them. *Human Ecology*, v. 34, n. 5, p. 653-667, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes Nacionais de Educação em Saúde nas Escolas*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JACOBI, P. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, 2005.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA JÚNIOR, V. F. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. *Química Nova*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.
- MORAN, J. *Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda*. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2018.
- NÓVOA, A. (org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SANTOS, L. C. et al. Horta escolar como recurso pedagógico interdisciplinar. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 41-58, 2020.
- SIMÕES, C. M. O. et al. *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- SOUZA, E. L.; ALMEIDA, M. B. Lapbook como recurso didático para o ensino de Ciências. *Experiências em Ensino de Ciências*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 45-59, 2021.



8. Anexos



Fig.1 Início do projeto, primeira aula sobre as plantas medicinais



Fig.2 Plantio das plantas medicinais



Fig.3 Treinamento para a apresentação comunidade escolar dos lepbooks



Fig.4 Apresentação final dos lepbook para a comunidade escolar

